



PSICANÁLISE

Péricles Pinheiro Machado Junior

A linguagem perdida das  
gruas e outros ensaios de  
rasuras e revelações

**Blucher**

A LINGUAGEM PERDIDA  
DAS GRUAS E OUTROS  
ENSAIOS DE RASURAS  
E REVELAÇÕES

Péricles Pinheiro Machado Junior

*A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações*

© 2023 Péricles Pinheiro Machado Junior

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Luana Negraes

*Preparação de texto* Beatriz Francisco

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* Maurício Katayama

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa AN*, de Galvão Bertazzi (2022).

Marcador e tinta acrílica sobre papel.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

– Código de Financiamento 001.

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Machado Junior, Péricles Pinheiro

*A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações / Péricles Pinheiro Machado Junior.* – São Paulo : Blucher, 2023.

196 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-693-7

1. Psicanálise 2. Psicanálise – Linguagem  
3. Psicanálise – Comunicação I. Título.

23-2078

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Prefácio	11
<i>Anne Lise Di Moisè Scappaticci</i>	
Prelúdio	19
<i>Once upon never</i> : a linguagem perdida das gruas	59
Terra seca, broto verde: a linguagem dos fragmentos	81
Plunct, plact, humpf: a linguagem do indizível	115
Águas paradas, um rio que corre: a linguagem das tormentas	149
Sobrevivência, reconhecimento: a linguagem do repouso	169
Epílogo (ou a inesperada virtude da frustração)	185
Referências	187

# Prelúdio

*As coisas não querem mais ser vistas por pessoas  
razoáveis:*

*Elas desejam ser olhadas de azul —*

*Que nem uma criança que você olha de ave.*

M. de Barros

Recebo no celular uma mensagem de origem desconhecida. Uma pessoa que me chama de doutor solicita um horário, mas não se apresenta. Não sei seu nome e não tenho nenhuma informação a seu respeito. Conta que fui indicado por alguém que igualmente desconheço. Não há a fotografia de uma pessoa no aplicativo de mensagens, apenas uma imagem de grandes prédios de vidro vistos de baixo, tendo ao fundo um céu azul com pequenas manchas de nuvens. Em primeiro plano, identifico um objeto que se assemelha a uma asa metálica. Decido então telefonar. Ouço sua voz e me apresento. Falamos-nos. Após algumas trocas de palavras, consultamos as agendas, definimos data e hora para nos encontrarmos pessoalmente.

No horário combinado, ouço um barulho vindo da sala de espera e presumo sua chegada. Abro a porta, saúdo com um “boa tarde” e solicito que me acompanhe até a sala de atendimento. Vejo sua aparência, seu rosto sorridente, suas roupas de corte fino e sua maneira de caminhar. Noto algo em seus movimentos iniciais e ocorre-me a ideia de uma agilidade hesitante, um titubear, um pequeno solavanco ao adentrar meu espaço. Ouço sons incompreensíveis nesse brevíssimo percurso. Soam como palavras imprecisas, balbucios pronunciados a esmo e que parecem não ter força suficiente para vencer a resistência natural do ar que preenche o ambiente. Soam sons errantes.

Entramos. Após lançar seu olhar pela sala, dirigir-se a uma das poltronas e, finalmente, se acomodar, ocorre um instante de silêncio. Mas não um silêncio qualquer: um silêncio seco, repentino. Percebo-me observado por alguém que, a princípio, parece estar à vontade e que escolhe justamente a poltrona mais distante em relação à minha. Talvez fosse esse seu modo de convocar minha plena atenção, posicionando-se a uma distância que possibilitaria (ou exigiria) uma observação mútua por inteiro? É provável que dessa forma nada possa escapar ao nosso plano de visão. Qualquer movimento, por mais sutil, poderia então ser percebido ou mesmo antecipado. Talvez para se precaver de algum perigo e sair correndo da sala em caso de emergência? A percepção de seu corpo diante de mim faz pensar por um instante que essa pessoa pede para ser vista. Ou se apresenta para esconder? Esconder o quê?

Conta que está em busca de análise e quais os motivos para sua iniciativa. Os assuntos da vida são então relatados com eloquência, o que me leva a crer que aquela história possivelmente já havia sido narrada outras tantas vezes para si e, quem sabe, para pessoas de seu círculo. Sua fala é repleta de detalhes objetivos, seguindo uma lógica de sequências sem causas nem consequências, apenas

atribuições de valor, adjetivos sem substância, predicados sem sujeito. Parece se esforçar por organizar em sua mente um universo caótico, baseando-se em critérios de “muito bom” ou “muito ruim” para definir a validade de cada evento espantado. Em certos instantes sinto frio, talvez uma resposta involuntária a elementos de sua presença que eu qualificaria como metálicos.

Os assuntos envolvem pessoas, especialmente aquelas que desempenham algum papel significativo em sua vida. À medida que tece seu relato, as personagens descritas ganham volume, extensão, alturas desproporcionais, expandindo-se até atingirem um diâmetro gigantesco que praticamente ocupa os oito cantos da sala. Ou além. Logo parece não haver espaço suficiente para a presença de tantas pessoas naquele pequeno lugar. Veio em companhia de muitas pernas e, assim, não estamos a sós.

Cada evento relatado é microscopicamente decomposto e cada partícula adquire um significado importante, porém enigmático, vago, gigantesco, devorador. Se lhe pontuo alguma observação, ouço como resposta um “justamente, só que tem um detalhe...”. E sua fala se estende em ramificações que se abrem *ad infinitum*. Assuntos prosaicos vividos com pessoas de seu entorno parecem ser destinados a um escrutínio cirúrgico, mas sem a precisão necessária para uma operação dessa natureza. Há algum detalhe importante que precisa ser dito, mas não é. Elementos metálicos agora se apresentam em minha imaginação como artefatos pontiagudos, lâminas, bisturis utilizados para abrir cortes na pele. O frio se transforma em calafrio. Medo? Quando me dou conta de que começava a me interessar demasiadamente pelas imagens, sinto vertigem, tomo distância e respiro. A mínima oscilação de atenção da minha parte é prontamente percebida. Hesita e, então, sua voz silencia. Em seguida, prossegue.

Sou então acometido por uma preocupação com a quantidade impressionante de reivindicações, protocolos, datas, provas, memórias, critérios, filigranas, dobrinhas, linhas pontilhadas e papéis que provavelmente espera-se que sejam cumpridos com rigor matemático. Esses dados que observo serem lançados em minha direção pouco a pouco compõem em meus pensamentos a imagem de uma pessoa que se dirige a um guichê de repartição pública para fazer um requerimento. Na condição de burocrata a que sou submetido, a possibilidade de contato com a vida, seus deslizes e imprecisões é algo a ser evitado.

Quando tomo a iniciativa de lhe dizer o que penso, sua sobrancelha se arca e recebo de volta uma interjeição exasperada que se opõe ao meu gesto. Agora, em outra perspectiva, são as minhas palavras que parecem se desmanchar no percurso até seus ouvidos. A narrativa de sua biografia é retomada e me deparo com a solidão aflitiva dessa pessoa desprovida de recursos para conter o sofrimento. Assim me parece. Vejo-me na situação de um que deve escutar sem intervir. E seguimos até o limite da hora.

Na semana seguinte, enquanto caminhava pelo bairro, recebo a mensagem de uma pessoa que me chama de doutor e pergunta se nosso horário estava confirmado. Por um instante sinto-me instigado a consultar a agenda com o receio de haver descuidado de algum detalhe importante. Mas não o faço, pois me vi ciente do compromisso. Respondo-lhe brevemente: “Bom dia. Sim, a tal hora”.

Chega então uma pessoa de boa aparência, sorridente, com roupas leves e bem cortadas. E, nesse instante, fico fortemente impactado ao constatar estarrecido que, até aquele exato momento, eu não tinha em mente qualquer mísera lembrança que pudesse ligar o nome à imagem dessa pessoa que se encontrava na sala de espera. Eu a recebi com uma surpresa incontida, com um



estranhamento semelhante ao que ocasionalmente experimentamos quando reencontramos um objeto que havíamos perdido sem que nos tivéssemos dado conta. Estávamos novamente nos encontrando pela primeira vez. Ou seria essa outra pessoa que tinha vindo? E quem viera antes, com sua *entourage*?

Os assuntos abordados nesse dia soam como repetições levemente modificadas de eventos e situações relatados anteriormente. Lá estão supostamente as mesmas personagens, os mesmos trejeitos, as mesmas palavras de impacto. Se presto demasiada atenção às falas, deixo de perceber o que essa pessoa mobiliza na sessão. Intuo que, em seu gesto, há uma tentativa de evocar familiaridade onde há desconhecimento.

Quando me pronuncio em um instante de silêncio, seu braço se estende com a palma da mão exposta, como quem tenta impedir a aproximação. Aguardo. As cenas de convívio social dominam novamente. O trabalho, a academia, os restaurantes de São Paulo, o trânsito, o barulho da obra ao lado do meu consultório, tudo parece conter algum elemento de suma importância a ser declarado na alfândega da consciência moral. Os sentimentos agressivos, a preocupação com as exigências alheias, a expectativa de satisfazer aos desejos de todos, preencher as lacunas, a falta de intimidade nos relacionamentos, os sentimentos opressivos, as explicações eivadas de irritação, os argumentos concretos, as causas doutrinárias, as regras absurdas de gramática obsessiva, as sequências dispersas de seus atos espalham-se pelo ar e dominam a cena.

Deixo-me afetar pelo terror impronunciável daquele momento. Pouco a pouco sinto que minha visão se torna turva. Fico sem palavras, sigo observando como um daqueles motoristas que reduzem a velocidade ao passar pelo acidente de carro na estrada e me sinto muito mal com minha própria curiosidade. Minha função naquela cena consistia em testemunhar os escombros de uma

ocorrência desastrosa narrada por uma pessoa com nítidas aptidões intelectuais, de aspecto físico impecável, mas que se encontrava visivelmente em profundo e desconhecido sofrimento.

Como eu estava há algumas horas trabalhando antes de sua chegada, a certa altura me dei conta de que estava com muita sede. Busco água e vejo que a garrafa que usualmente tenho na mesinha de apoio, ao lado da poltrona, estava vazia. Eu havia esquecido de enchê-la e precisaria aguardar até o término do horário para buscar água. Esse fato, naquele instante, combina com o clima emocional da sessão e me faz pensar em algo da ordem de uma desidratação existencial crônica. Sigo escutando a pessoa que se encontra em minha sala, atento a seus movimentos e suas expressões. Sinto novo desconforto e percebo que minhas lentes de contato estão ressecadas e aderidas aos olhos. Lembro que preciso sair para comprar colírio. Meu coração agora bate cansado. Sinto-me fraco, desesperado por um copo d'água. Entre a tentação de dispersar-me com a sensação da sede e dos olhos secos e manter-me atento ao momento com aquela pessoa sentada diante de mim na poltrona, capto um trecho de sua fala:

– ... muito irritante ter que cuidar de criança, é exaustivo. Ainda mais porque antes eu viajava bastante, mas com os filhos minha vida virou uma camisa de força, e eu...

Ocorre-me, então, um pensamento que lhe comunico mais ou menos assim:

– Se você gosta de viajar, talvez já tenha ido aos Estados Unidos. Lá tem o deserto de Sonora, você conhece? É aquela região entre o sudeste da Califórnia e o sudoeste do Arizona. Parece que não chove nunca naquele lugar. Aquela região é repleta de uma espécie de cacto chamada *saguaro*, sabe qual é? No meio daquela secura mortífera nascem esses cactos que chegam a 10, 15 metros de altura. A estrutura deles é tão resistente que parece ser feita de

ção. Talvez por isso consigam sobreviver imponentes durante muitas décadas.

Silêncio.

Nossos olhares se encontram em um ponto distante, mas pela primeira vez se sustentam sem desvios. Noto em seu rosto um discretíssimo tremor. Percebo que em seus olhos surgem minúsculas gotículas pequeniníssimas de água que produzem um brilho opaco e involuntário. Aí está! Após longos segundos, suas pálpebras tensionam. Diz:

– Sempre pensei em mim como uma pessoa muito pragmática. Procuo levar minha vida da melhor forma possível, mas tem horas que isso é muito exaustivo. Parece que não sei falar, por mais que eu fale bem. Acho que falo uma linguagem objetiva porque na minha vida tenho que ter frieza para lidar com fatos e acontecimentos difíceis. Tudo é muito complicado, mas acabo dando conta. Tenho certeza de que esse jeito tem sua utilidade, mas acho que não sei tratar com gente.

– Você fala uma linguagem de sobrevivência, não é? Tenho grande respeito pelo seu idioma. É preciso persistência para sobreviver no deserto.

Ficamos em silêncio por mais tempo. Anuncio o final da sessão. Levantamo-nos, despedimo-nos.

## *Aproximações*

Vários anos se passaram desde aquele encontro. Na ocasião em que escrevi essa pequena crônica clínica, meu objetivo era apresentar a colegas em seminário um relato das primeiras entrevistas com uma pessoa em busca de análise. Ao elaborar o texto, procurei

intencionalmente suspender, na medida do possível, quaisquer elementos que pudessem estimular uma compreensão intelectual do que havia ocorrido no encontro com uma pessoa desconhecida. Omiti, portanto, dados pessoais como idade, sexo, profissão, estado civil, eventos biográficos, queixas específicas, informações que usualmente precedem uma anamnese e dariam a falsa sensação de sabermos minimamente com quem estamos lidando. A finalidade desse expediente é chamar nossa atenção àquilo que poderíamos caracterizar como *a ordem imaterial da experiência*.

Ao descrever as sessões, procuro criar condições para que o leitor-analista, ao mergulhar nas *imagens apresentadas como descrições verbais dos acontecimentos*, aproxime-se tanto quanto possível da experiência emocional de forma a favorecer que algum fragmento da realidade dessa pessoa seja captado, sonhado e transformado no ato da leitura. Aprecio os relatos clínicos que conseguem nos fazer ver o analisando, intuir a existência de uma pessoa real, acompanhar a história da sessão de análise transformada em narrativa por outro analista. Espero que um efeito semelhante seja alcançado pelo leitor deste trabalho.

Evidentemente, esse recurso constitui um artificialismo que se introduz e se intromete no vivido. O resultado tem um caráter predominantemente ficcional e ilustrativo no sentido de comunicar, por meio da linguagem, o vértice específico que escolhi para descrever uma realidade que não pode ser traduzida, qualquer que seja a escolha das palavras. O autor-analista é um narrador pouco confiável, mas é a melhor testemunha de como é estar com aquela pessoa em uma sessão de análise. Isso difere muito do efeito que se alcança, por exemplo, com a transcrição de falas da sessão ou com qualquer forma de análise do discurso proferido pelo analisando. O elemento fundamental da experiência viva do observador ficaria excluído, restando-nos apenas resíduos verbais de sua presença. A

partir de sua própria experiência, um analista-autor pode genuinamente apresentar as evoluções de seu trabalho clínico.

Todo narrador é pouco confiável, a bem da verdade. Talvez a facilidade para escrever produza em alguns analistas-leitores a falsa impressão de que pude transmitir de modo fidedigno a realidade desses encontros. Não é o caso, admito sem acanhamento. Penso que todo relato que procure comunicar a densidade emocional da experiência vivida em uma psicanálise está de antemão fadado a não cumprir com o pretendido, posto que a realidade é sempre efêmera e impossível de ser apreendida, salvo por lampejos, passagens, *flashes* oníricos. Não podemos conhecer a realidade, recorda-nos Wilfred R. Bion (1965), pois “a realidade não é algo que se presta a ser conhecido. É impossível conhecer a realidade pela mesma razão que é impossível cantar batatas; elas podem ser cultivadas, arrancadas ou comidas, mas não cantadas” (p. 148).<sup>1</sup> Contudo, podemos arar a terra, trabalhar a roça, pegar a trilha empoeirada da sessão e caminhar com o analisando em direção ao desconhecido, alguma brisa, um chuvisco. O futuro de uma análise é incerto, imprevisível e é, ao mesmo tempo, o único horizonte possível.

Cada palavra neste trabalho é carregada de incerteza. Elaborar um texto que tenha por intenção descrever um conjunto um tanto difuso de experiências que possam vir a ter alguma utilidade para leitores que também se aventuram pelas veredas da clínica psicanalítica é, a meu ver, um compromisso que se ampara inicialmente em uma necessidade pessoal de revisão do pensamento com vistas

---

1 As citações de trabalhos consultados em língua estrangeira são traduções livres. Em alguns trechos, optei pelas edições de trabalhos de W. R. Bion em língua portuguesa traduzidos ou organizados por Paulo Cesar Sandler. As referências bibliográficas indicadas ao longo do texto refletem fidedignamente a fonte utilizada em cada citação (edição original ou edição brasileira).

a ampliar as próprias capacidades de suportar o encontro com o desconhecido em cada analisando. Sim, busco neste trabalho resolver um problema particular, apresento-me como sujeito de experiências vividas em psicanálise e tento tornar proveitosa ao leitor a empreitada e suas mazelas. Há também uma necessidade de comunicação, de transformar em linguagem o que se passa no ambiente íntimo da mente do analista em contato com o analisando para que os pensamentos manifestos nesse testemunho encontrem novos espaços para fecundar. Não há segurança na escrita e não há certeza que nos socorra quando o que se pretende comunicar é da ordem das experiências em trânsito. O abismo entre as vivências clínicas e a comunicação verbal é intransponível. E, não obstante, escrevemos e procuramos amparo nos pares, colegas psicanalistas, para compormos um continente favorável no qual o trabalho dessa natureza possa ser vivido, pensado, sofrido, transformado, redigido e, por fim, publicado com suas imperfeições.

A expressão *linguagem de sobrevivência* surgiu espontaneamente como resposta à observação feita por aquela pessoa acerca de suas aflições para contar sua dor de modo satisfatório nos momentos iniciais do trabalho analítico, de um caminho que emerge e se revela como campo fértil para experiências vivas em que o contato com a fugacidade da realidade psíquica pode aos poucos ser tolerado. Muito aos poucos e muito pouco, diga-se de passagem.

O vocábulo *linguagem* traz consigo uma gama de significados pretéritos que podem ser buscados no dicionário, em livros de semiótica, filosofia, psicanálise, compêndios de gramática, tratados enciclopédicos. O mesmo ocorre com o termo *sobrevivência*. Ambos os nomes têm raízes etimológicas que podem ser pesquisadas se quisermos encontrar os caminhos de suas significações isoladamente. Às vezes vale o esforço.

No cotidiano, esses substantivos (ou qualquer palavra) podem ser empregados coloquialmente sem nenhum compromisso com o sentido em suas origens e particularidades. Podem ser usados em situações banais, passar despercebidos numa conversa de bar, tragados com goles de cerveja. Dispõem-se ao risco de se tornarem palavras mornas, palavras áridas, palavras discretas, tímidas, desbotadas, palavras magrelas, palavras passageiras, transeuntes, figurantes, dissolvidas no meio de um texto, de uma frase, uma música, uma peça de teatro, uma sentença judicial. Bion (1977/2014f) tinha particular interesse pelo destino das palavras e metáforas que, com o passar do tempo e constante repetição, acabam naturalmente se desgastando, perdem a vitalidade pelo uso conversacional. Uma metáfora pode enfraquecer até morrer, “a menos que . . . seja trazida à vida pela justaposição com outra metáfora cuja inadequação e não homogeneidade” surtem o efeito de um desfibrilador que lhes restitui a qualidade pulsante da matéria viva (p. 26).

A justaposição *linguagem de sobrevivência* nasce de um pensamento inusitado que emerge do vazio inquietante nas entrevistas iniciais de análise com uma pessoa em intenso sofrimento psíquico. Os termos se casam e concebem um significado novo, trazido à luz como fruto de duas pessoas que, por necessidades distintas, deparam-se com uma presença nunca experimentada que deságua em uma desordem para a qual não há garantias. *O encontro com o outro é um evento catastrófico, pois a singularidade gravitacional resultante da aproximação entre duas pessoas é em si uma experiência catastrófica.* A criatividade advém da disrupção na ordem do suposto conhecido.

A interpretação elaborada a partir de uma imagem onírica (o cacto que se mantém vivo na aridez do deserto) marca uma mudança no campo emocional da sessão. Em meio às generalizações nebulosas do analisando, um elemento intuído é colhido, destacado

na transformação do analista: a particularização catalisa uma perturbação dinâmica onde até então prevalecia a paralisia emocional. Do vazio de fragmentos dispersos e incoerentes, um *pensamento selvagem*<sup>2</sup> (Bion, 1997[1977]/2016) é lançado e comunica àquela pessoa assustada que seu esforço para expressar suas aflições não apenas era legítimo e doloroso, mas também *reconhecido* e sustentado pelo continente embrionariamente formado pela dupla. Sua linguagem imprevista e rasurada encontra um destinatário que responde de modo reconhecível, apesar da diferença de sotaques afetivos. Uma ligação se faz e desencadeia uma sequência insondável de transformações. Os efeitos de uma comunicação dessa natureza têm durabilidade e alcance para além do breve período de uma análise, ainda que seja posteriormente esquecida. Quem quer que tenha passado por experiência semelhante certamente intui o que estou afirmando.

Era visível como essa pessoa se debatia na tentativa de pôr em palavras o fluxo de emoções que não encontravam tradução suficientemente justa para pensar sua dor. Isso que não se continha nas palavras lançadas desordenadamente era comunicado por meio de ações, pela forma como mobilizava na situação analítica uma vivência de angústia seca que deixava entrever nas suas falas

---

2 *Pensamento selvagem* é uma metáfora utilizada por Bion para se referir a pensamentos espontâneos, pensamentos livres, pensamentos sem pensador que eventualmente podem ser captados por uma pessoa, uma dupla ou um grupo de pessoas. A premissa é de que o pensamento antecede o pensador. Ao se preparar para uma apresentação que faria em Roma em 1977, Bion registrou em fita cassete, portanto em linguagem oral, suas cogitações sobre o tema que pretendia discutir com colegas psicanalistas italianos. Sua concepção de pensamentos selvagens não foi posteriormente elaborada como conceito, mas podemos detectar as origens e destinos dessa conjectura desde seus primeiros trabalhos (Bion, 1962, 1967a). A transcrição de suas reflexões foi posteriormente elaborada por sua esposa, Francesca Bion, e publicada com o título *Domesticando pensamentos selvagens* (Bion, 1997[1977]/2016).



o sentimento de desespero e algo da ordem de uma expectativa de que, ainda assim, fosse possível encontrar no deserto alguém que pudesse reconhecê-la e reconhecer sua desolação em meio à tempestade de areia que castigava a sessão.

Para sobreviver, convivemos com o mínimo necessário que nos possibilite sustentar a existência, atravessar o sertão, contando com um conjunto bastante restrito de recursos psíquicos, vivendo, possivelmente, dentro de uma faixa muito estreita de possibilidades de pensamento, significação da realidade e contato com a vida. Sobreviver é persistir em modos bastante penosos de relação consigo mesmo e com os outros. E, no mais das vezes, é também um modo de adiamento do contato com a dor, uma forma primitiva de evitar a vivência do sofrimento que possibilitaria à pessoa superar a montagem dramática em que encena suas vivências emocionais e atingir a dimensão da tragédia, da travessia catártica, por falta de palavra melhor, que abre possibilidades novas. A dor apenas pode ser sofrida e ultrapassada em uma *linguagem de reconhecimento*. Na solidão não há solução.

### *Expressões de reconhecimento e sobrevivência*<sup>3</sup>

Linguagem e reconhecimento são questões que considero fundamentais no trabalho psicanalítico. Cronologicamente, são o ponto de partida de meus interesses de estudo em diferentes contextos, autores e gêneros epistemológicos da literatura psicanalítica. Durante o mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com um período de pesquisa no Birkbeck College

---

3 Esta seção contém excertos do ensaio “Expressões do reconhecimento e da sujeição na experiência intersubjetiva”, publicado na *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30(2), 97-108, 2012.



*Uma frase do autor resume profundamente* o conteúdo deste livro: “Linguagem e reconhecimento são o ponto de partida de meus interesses de estudo em diferentes contextos e gêneros epistemológicos da literatura psicanalítica”. Os interesses se revelam página após página, de forma cuidadosamente elaborada, dando oportunidade ao leitor de participar de uma sofisticada percepção dos instrumentos utilizados pelo psicanalista em seu trabalho. De forma dialógica, Péricles nos provoca o pensamento e nos prepara para o seu contato com W. R. Bion com a proposta fundamental de revelar a linguagem das tormentas emocionais e como o analista precisa desenvolver recursos cada vez mais sofisticados para dar conta da realidade complexa da mente humana.

*Arnaldo Chuster*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-693-7



9 786555 066937



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## **A linguagem perdida das gruas e outros ensaios de rasuras e revelações**

---

**Péricles Pinheiro Machado Junior**

ISBN: 9786555066937

Páginas: 196

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2023

---